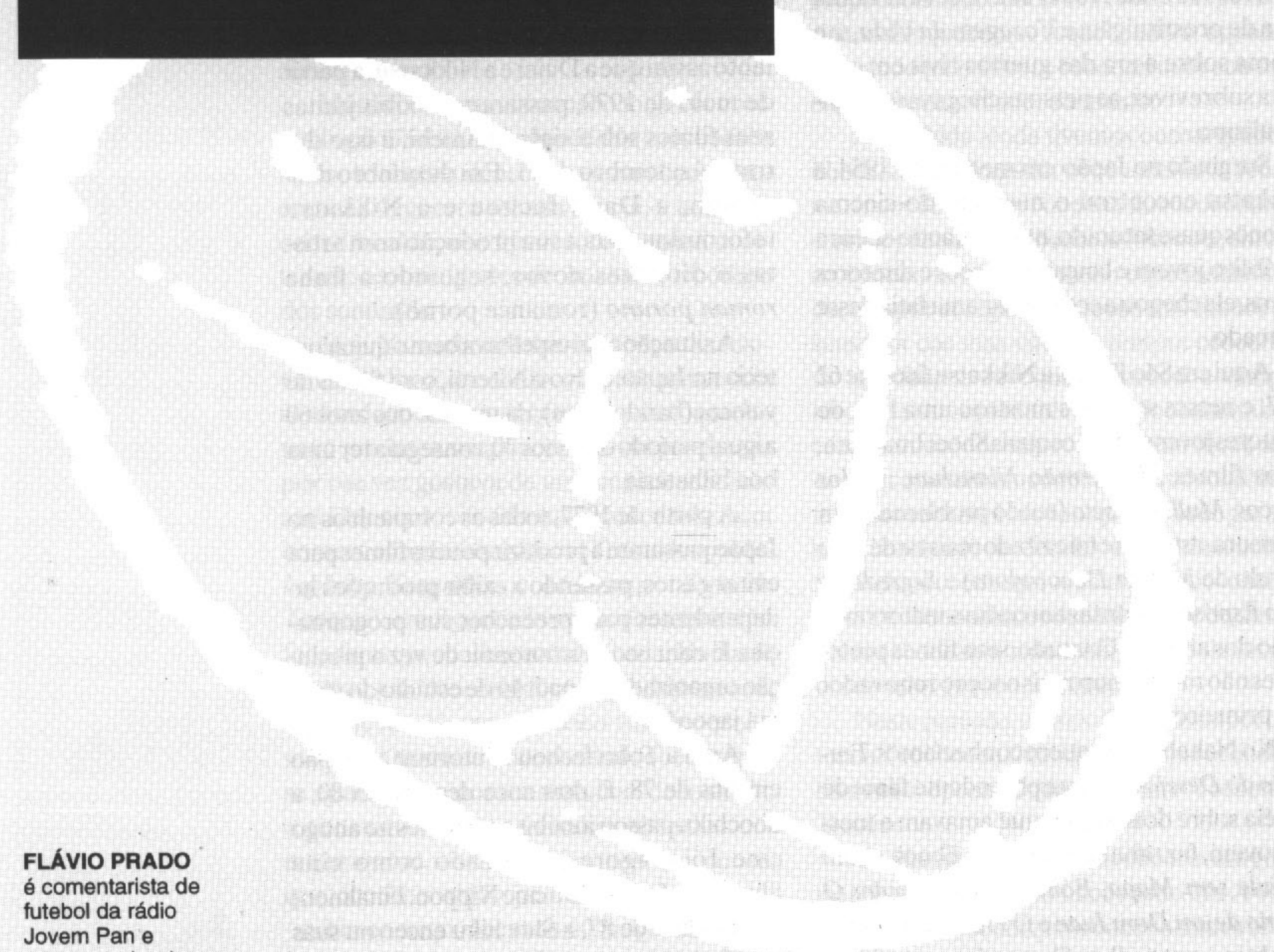



FLÁVIO PRADO

Breve nota sobre o futebol brasileiro no Japão

FLÁVIO PRADO
é comentarista de
futebol da rádio
Jovem Pan e
apresentador do
programa *Cartão
Verde* da TV Cultura.





Brasil e Japão são praticamente irmãos no futebol. A admiração pelos jogos vistos antigamente pela televisão acabou transformando-se num ponto de idealismo para os organizadores da J. League. Baseados na habilidade dos brasileiros que jogavam por lá nos primeiros anos, quando o esporte era amador para os japoneses, mas lucrativo para alguns brasileiros que se dispusessem a ensinar sua arte, as grandes empresas, que tinham seus times como *hobby* de alguns, procuraram descobrir jogadores com disposição para uma mudança total de vida, que seria modelo para um futuro futebol profissional.

B

r

a

s

i

l

J

a

p

ã

o

19

Sempre pesquisando em primeiro lugar a maneira de se comportar dos jogadores fora de campo, suas origens familiares e seus sentidos profissionais, os brasileiros foram escolhidos a dedo. Oscar, ex-zagueiro da seleção brasileira, Ponte Preta e São Paulo, Zé Sergio, também ex-seleção e São Paulo, Milton Cruz, também antigo jogador do São Paulo, com fácil adaptação em todos os lugares que jogara antes, como Uruguai, México e Estados Unidos, foram chamados e passaram a trabalhar com alguns precursores, como Rui Ramos, paulistano do ABCD, imigrado desde 1970, falando fluentemente o japonês e inclusive naturalizado no novo país. Eles deram os primeiros passos. Mas para seguir avançando era preciso um nome mais badalado. E ele foi chamado. Zico chegou ao Japão, curioso pelo novo mundo, aceitando jogar numa pequena cidade do interior, Kashima, e ensinando até mesmo os fundamentos básicos do futebol, desde treinamentos, até o tipo de alimentação especial que teria que ser mudada, com mais massa - os carboidratos - e menos arroz. Zico também ensinou técnicas especiais de treinamentos e formulações táticas. Estava começando o profissionalismo no Japão.

O primeiro campeonato profissional, a J. League, começou em 1993. O sistema que persiste até hoje era uma disputa em duas séries, a Suntory, bancada por uma grande empresa de bebidas, e a Nicos, mantida por importante grupo econômico de cartões de



crédito. Em cada série, jogos em turno e retorno, com partidas às quartas e sábados. Um grande esquema de *marketing* foi montado, grandes jogadores foram contratados e o sucesso foi enorme. Ou melhor, é enorme. Esportes como o beisebol, o judô e o sumô, antes absolutos no país, passaram a conviver com quatro jornais e três revistas especializadas em futebol só no primeiro ano. E até hoje, passados três anos, é muito difícil conseguir ingressos para jogos do campeonato japonês em qualquer dia ou cidade.

Os brasileiros, os primeiros a acreditarem no potencial do Japão como mercado de trabalho, tiveram sua recompensa. São maioria absoluta em quase todos os clubes, como mostraremos a seguir.

CLUBES E JOGADORES BRASILEIROS NO JAPÃO

Cerezo de Osaka: Gilmar, goleiro, ex-Flamengo; Toninho, zagueiro, ex-Palmeiras; Marquinhos, meio-campista, ex-Inter de Porto Alegre; Ademar, zagueiro, iniciando carreira lá. Além deles o treinador é também brasileiro, o conhecido Paulo Emílio.

Júbilo de Iwata: Dunga, meio-campista da seleção brasileira.

Sanfreece de Hiroshima: Andrey, meio-campista, começando carreira lá.

S. Pulsè de Shimizu: Carlos Alberto Santos, meio-campista, ex-Flamengo; Sidmar, goleiro, ex-XV de Piracicaba.

Reysol de Kashiwa: Careca, atacante, ex-seleção brasileira; Valdir, meio-campista, ex-Atlético Mineiro; Nelsinho, lateral, ex-São Paulo. O técnico é o brasileiro Antoninho.

Red Diamonds de Urawa: Toninho, atacante, ex-Portuguesa.

Os únicos times que não têm jogadores brasileiros são o JEF United de Ichihara e o Gamba de Osaka, por coincidência ou não, equipes que sempre jogaram muito mal os campeonatos disputados. Por esse motivo os jogadores brasileiros são semi-deuses no Japão, especialmente Zico. Numa recente pesquisa na cidade de Kashima, para uma eventual mudança do nome da cidade, o povo escolheu Zico, como o preferido. Mas a recíproca também é verdadeira. A enorme escolinha de futebol que Zico montou no Rio, além de ter convênio permanente com o Japão, tem o nome de Kashima.